

## **Mariana: um olhar agridoce sobre o estéril**

por  
**Bernardo Estellita Lins**

A tragédia de Mariana, ocorrida em novembro de 2015, expôs o Brasil a uma realidade que estava disfarçada na geografia sinuosa de Minas Gerais. O rompimento de uma barragem de contenção de resíduos, de propriedade da mineradora Samarco, inundou de lama uma área vasta, matando dezessete pessoas e ferindo outras tantas. Há, até hoje, dois desaparecidos. Os rejeitos contaminaram o rio Doce — que ficará afetado por um século, prejudicando a economia de 230 municípios — e chegaram ao Oceano Atlântico, depositando-se ao longo de mais de vinte quilômetros de costa.

Os danos econômicos e ambientais são extensos e ainda não foram delimitados. As perdas humanas e a destruição do modo de vida da população rural que morava a jusante da barragem impressionaram a opinião pública. No entanto, teria que ocorrer, três anos depois, uma calamidade ainda mais chocante em Brumadinho, também em Minas Gerais, para que a real dimensão do problema das barragens de rejeito ganhasse seu contorno definitivo. Foram quase trezentos mortos, a maior parte trabalhadores da Vale, proprietária da barragem.

Algumas semanas após o rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana, o fotógrafo Christian Cravo percorreu a área afetada, registrando imagens da tragédia. Uma seleção dessas fotografias compõe o livro publicado em 2016, com breves textos de Patrick Brock e Bené Fonteles.

Christian Cravo nasceu em Salvador, filho de brasileiro e dinamarquesa. Seu pai, Mário Cravo Neto, falecido em 2009, é um dos grandes nomes da fotografia brasileira. Christian vem se destacando nas últimas duas décadas com projetos gráficos de forte conteúdo social, consolidando uma carreira marcada pela qualidade artística e pelo ativismo responsável.

“Se queres ser universal pinta a tua aldeia”, teria aconselhado alguma vez o escritor Liev Tols-

toi. Em fotografia, poderíamos levar essa reflexão um passo adiante dizendo: “se queres ser universal, registra os detalhes”. É um pouco desse modo que Cravo nos traz a dor e a perda das pessoas vitimadas pelo desastre. Os objetos do cotidiano, os cômodos das modestas casas rurais, o que restou de móveis e cortinas, os quadros arrancados das paredes, são mostrados em meio à lama ressecada, maculados pela violência da onda de enchente. Um resquício estéril e desolador daquilo que já foi vida pulsante.

As imagens entristecedoras são também estranhamente deslumbrantes. A arte, mesmo quando denuncia, não pode prescindir da poesia, lembra-nos o texto de Bené Fonteles.

Folhear o livro Mariana é também uma experiência de aproximação com o que a vida é em sua essência. A beleza das fotografias ajuda a reforçar o que se foi. Essa pequena joia visual fala ao coração do leitor, lembrando que tragédias como o rompimento da Barragem do Fundão nos trazem, com ímpeto brutal, a confirmação de que somos imanes, de que estamos apenas de passagem. Nosso ciclo, porém, se cumpre no contexto social em que vivemos. A sociedade investe em cada um de seus cidadãos e a estes cumpre dar em retorno não apenas trabalho, inteligência e resultados, mas também amor, generosidade, entrega, capacidade de gerar e disseminar plenitude espiritual.

Quando alguém é morto, roubamos seu futuro. Roubamos seus afetos, o trabalho que deixou de fazer, os atos que teria realizado e agora não irão ocorrer, a contribuição que teria a dar e agora está perdida para sempre. Em troca, deixamos aos parentes, amigos e vizinhos um buraco no peito que irá mudar suas vidas.

O custo financeiro de um desastre desses é enorme. O custo das vidas ceifadas é irreparável. Mas a perda, se pertence em substância a quem deve enterrar seus entes queridos e reclamar seus danos, também nos atinge a todos. A violência é feita contra a sociedade. São muitas as dimensões a reparar. Em sua singeleza, a fotografia demonstra de um toque aquilo que milhares de folhas de processos teimam em ocultar.

**Livro: Mariana**  
**Autor: Christian Cravo**  
**Textos de Patrick Brock e Bené Fonteles**  
**São Paulo: Estúdio Apuena,**  
**2016. 80 p. 34 ils.**